

Práticas discursivas no cenário das audiências públicas sobre a revisão do Plano Diretor da cidade de São Luís¹

Aerica Souza Malheiros² (UFMA/MA)

RESUMO

Este trabalho analisa as audiências públicas da revisão do Plano Diretor da cidade de São Luís. Trata-se de audiências públicas reivindicadas pelos movimentos sociais e aprovadas pela câmara municipal da cidade. Nesse cenário político, observa-se práticas discursivas proferidas por diferentes segmentos sobre o uso do solo urbano e rural da cidade. As diferentes narrativas apresentadas no âmbito das audiências públicas tanto na zona rural como na zona urbana ressaltavam as noções sobre o Plano Diretor e sua possível aprovação. A prática dos discursos ramifica a cidade em diferentes propostas e modelos de cidade que visa alterações sobre o espaço urbano. A partir disso, identifico os segmentos que estão atuando em alianças. Segmentos articulados em coalizões construídas durante o processo de revisão moldam alianças favoráveis a estratégias de cada grupo envolvido nesse jogo político. Cada segmento aliado com agentes, grupos sociais, movimentos sociais que estão em defesa do mesmo interesse para a cidade. Os segmentos aliam com seus pares e transitam em união para provocar e questionar os vereadores a novos diálogos e ao debate sobre a situação social e política. O primeiro segmento aliado dos movimentos sociais luta contra o detrimento de comunidades rurais e incentivam o poder público sobre a necessidade de políticas públicas de cunho urbano. O segmento contrário é composto por empresários que lutam pelo desenvolvimento urbano em defesa da especulação imobiliária e concordam que a cidade precisa de novas modificações para ser atrativa economicamente. A partir dessa ótica, utilizo o conceito de segmentariedade (GOLDMAN, 2001) analisando a política urbana e as formações dos segmentos que visam a luta por modificações do espaço urbano. Conforme Foucault(2013), analisa o discurso como objeto de desejo de quem defende, ou seja, os agentes que estão lutando pelos seus ideais os quais pretendem implantar ou projetar. Os discursos emitidos em cada fala representava a narrativa dos agentes e seus ideais e pretensões sobre o projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Segmentos, Discurso, Cidade

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado. Proponha-se neste recorte apresentar uma breve reflexão sobre a formação dos segmentos sociais inseridos

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais(PPGSoc) da Universidade Federal do Maranhão(UFMA) campus São Luís.

na revisão do Plano Diretor. As audiências públicas mostravam a atuação dos agentes envolvidos na dinâmica que estava se formando para a revisão do Plano Diretor da cidade de São Luís. Diante deste artigo pretendo refletir os segmentos sociais, alianças e coalizões diante da revisão do Plano Diretor.

A revisão do Plano Diretor da cidade de São Luís iniciou no ano de 2014 levantou um intenso debate sobre os usos da cidade. Este perdurou durante anos em discussões divergentes e atualmente no ano de 2022 ainda não foi aprovado pela Câmara Municipal da cidade. Na medida em que o Poder Público apresentava resultados surgem conflitos, pois eram produtos do antigo projeto de 2006 do Plano Diretor. Evidente que não tinha ocorrido modificações no estudo técnico apresentado pela Prefeitura. Pois apresentava mapeamentos e a leitura urbanística desatualizados.

Esse cenário provocou conflitos discursivos sobre a cidade. Na qual, grupos de interesses, organizações políticas discutiam a cidade. Estavam em defesa de seus interesses materiais, mostrando-se eficazes em suas estratégias (OFFERLÉ, 1998). Somase a isso a conquista do exercício do poder sobre as representações gerais que influem sobre o poder político (LAGROYE, 2017; OFFERLÉ, 1998).

Durante o processo de revisão do Plano Diretor e suas diferentes fases, os grupos sociais³ organizaram-se em segmentos. Cada segmento defendia seus ideais para a cidade, funcionava assim a construção discursiva de cada segmento e o posicionamento político na disputa de um importante documento – no caso, o Plano Diretor –, que legitima modificações na cidade e atua como instrumento de políticas e de implementação do planejamento da cidade.

Esse espaço político de conflitos discursivos, permitiu-me refletir sobre as diferentes formas de lutas evidenciadas no discurso que profetiza o futuro e provoca com o poder da fala o destino da cidade. (FOUCAULT, 2013). A concepção da cidade é feita por meio de lutas e de resistências para a garantia do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001). No cenário de disputas, os diferentes agentes desempenham papéis conforme as diferentes abordagens da cidade (LEFEBVRE, 2001). Logo, o direito à cidade está ligado à reivindicação do poder – o domínio sobre o modo como a cidade é feita e refeita (HARVEY, 2014). Esse poder sobre as cidades é exercido pelos agentes do segmento econômico capitalista que veem nas cidades uma fonte de lucro (HARVEY, 2014).

³ Os grupos sociais eram os movimentos sociais populares, líderes de comunidades e associações que reivindicavam o estudo atualizado da cidade de São Luís.

Desse modo é importante salientar como esses grupos sociais estão organizados nesse cenário político conflituoso. Para assim, refletir a defesa de seus discursos desdobrados em falas argumentativas e atos de resistência significativos para o andamento de seus interesses sobre a revisão do Plano Diretor da cidade.

1. Segmentos sociais: organizações e ideologias

Os segmentos envolvidos nesse cenário de disputa defendem seu “modelo”, tentando responder à pergunta: o que querem para a cidade ou, mais precisamente, essa cidade está sendo concebida para quem? Trata-se do confronto da posição política dos segmentos: o segmento formado por empresários – defendidos pelos sindicatos⁴, que veem a cidade voltada para o “desenvolvimento urbano” no âmbito mercadológico; o segmento dos movimentos sociais e populares – que resistem a projetos dirigidos somente para o capital, responsáveis pela configuração de novas desigualdades socioespaciais e de novos impactos socioambientais e o segmento do Poder Público Municipal que se alia quando convém ao segmento dos empresários.

A representação de diferentes segmentos da sociedade civil e de instituições do Poder Público tem interesses particulares no uso de suas atribuições para a cidade e na ressignificação de espaços para a construção de modelos. Cada entidade representa diferentes segmentos: órgãos municipais, estaduais, comunidades rurais, entidades filantrópicas, associações comunitárias, sindicatos e outros.

Cada grupo em defesa de modelos com o intuito introduzir na cidade. Por exemplo, o segmento dos empresários almeja para cidade projetos voltados exclusivamente ao mercado especulativo imobiliário, com a expectativa em aprimorar economicamente a cidade. No entanto, o segmento dos movimentos sociais apresenta críticas refletindo ações futuras desses projetos na cidade, ações que poderá gerar impactos ambientais e produzir o aumento das desigualdades socioespaciais.

Isto é observado nas audiências públicas⁵ que eram ambientadas em arenas políticas, trata-se de um jogo político dividido em segmentos com alianças e fusões no

⁴ Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Maranhão (Sinduscon/MA), Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema) e Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi-MA).

⁵ As audiências públicas eram organizadas pelo Poder Público Municipal. Ambientadas para apresentar o projeto de revisão do Plano Diretor à sociedade civil. Ocorriam em diferentes locais da cidade, ou seja, na zona rural e urbana.

decorrer do processo político. Os jogadores dividiam-se em grupos políticos, segmentos aliavam-se pelas semelhanças de suas demandas. “Jogadores silenciosos”, em seus segmentos políticos, exercem o poder soberano sobre os segmentos políticos que utilizam a argumentação para defenderem seus posicionamentos. Os segmentos no exercício de seu poder atuam de distintas formas em favor de seu próprio favorecimento, alguns conseguem avançar com o silêncio de suas atitudes e outros conseguem ser ouvidos com o barulho de seus discursos sobre as questões problemáticas da cidade.

Dessa forma, ocorriam diferenças argumentativas entre os segmentos. Pois cada um apropriava-se da cidade a partir de sua realidade e ótica. Com isso, cada qual refletia pontos estratégicos sobre a cidade, cada qual pensava a cidade a partir de seu molde social, com o intuito de refletir o futuro da cidade.

Como Bourdieu (2008) afirma, as falas do porta-voz concentram um capital simbólico do grupo que ele representa. Para compartilhar suas ideias, os segmentos recorrem a porta-vozes ou a comunicadores autorizados, que transmitem o discurso do grupo ao público, ressaltando os interesses específicos daqueles que representam. As falas são, portanto, apresentadas por agentes que atuam em nome de um grupo ou de um segmento. Comunidades, movimentos sociais, sindicatos, empresários não perdem a oportunidade de mencionar o que cada grupo pretende ressaltado estratégias positivas para a cidade.

Apesar dos conflitos políticos e partidários os segmentos opostos tendem a unir-se em diálogo em função de suas mesmas premissas, para lutar pelos mesmos interesses. Essas formações e uniões constroem uma arena política sobre a revisão do Plano Diretor.

Os valores distintos de cada um podem influir na dinâmica da manutenção desses grupos dentro da organização política. As relações estão sempre em conflito, já que estamos falando da lealdade do grupo ao segmento. Dessa forma, pequenos segmentos formam-se, outros abandonam a causa por excesso de divergências dentro dos mesmos grupos sociais, outros simplesmente se ausentam com receio de se envolver em uma causa que pode prejudicar seu posicionamento político futuro.

As opiniões divergentes são um dos fatores responsáveis pelas separações. Com isso, são configuradas rivalidades na estrutura do sistema político, na medida em que são percebidas as distinções dos segmentos. A formação desses segmentos vai moldando as novas relações e os valores que se apresentarão. Essas rivalidades vão impulsionar, além disso, a “lealdade” em cada segmento.

Nessa estrutura social, cada segmento negocia suas diferenças internas, bem como apresenta uma maior agilidade no que diz respeito a alianças com forças políticas. (GOLDMAN, 2001). Essas forças sociais recriam e reafirmam o poder (AGIER, 1992). O “sentir” representado por uma causa marca uma posição política dos que estão sofrendo implicações negativas e incentiva projetos de resistências em relação aos usos do espaço urbano.

A partir disso, os segmentos elaboram atos e falas em acordo com seus interesses sociais sobre a cidade. Essa força política colabora para desencadear a prática discursiva como ato de resistência de diferentes segmentos. Na próxima subseção irei refletir a categoria discurso sobre o ambiente de lutas e conflitos que observo na revisão do Plano Diretor da cidade de São Luís.

2. O discurso como ato de resistência

As relações sociais estabelecidas no cenário político refletem uma prática discursiva que, como em um jogo, disputa o poder. Diferentes agentes sociais defendem seus interesses particulares, formam segmentos que se ramificam em grupos sociais, todos elaborando falas e pretensões sobre o espaço físico da cidade, sobre a configuração de um modelo futuro que reflita o pensamento do segmento que pretende vencer essa luta política.

No cenário observado os agentes lutam pelos ideais que pretendem implantar ou projetar. Trata-se de um jogo político, como todo jogo, construído em fases e trocas discursivas, por meio de uma ordem significativa. Assim, agentes interessados na produção do espaço urbano e no uso da cidade desenvolvem discursos e práticas que apreendem formas e meios para a articulação de estratégias.

A prática do discurso configura-se em atos de resistência realizados pelos segmentos ramificados em grupos, cada um nomeando o agente social ou os agentes que serão os protagonistas do ato de fala. Estratégias são formuladas para aperfeiçoar esses segmentos e moldá-los na luta que terão de vivenciar. No caso em análise, as audiências públicas representam espaços de luta, arenas políticas que expressam a diversidade que essa luta é capaz de promover e de intensificar com diálogos e posicionamentos divergentes. Esse espaço político expressa como essa luta implica diferentes posições dentro do espaço que se expressam na fala.

No momento das audiências públicas o discurso é expresso na linguagem pela voz, transmitindo as vivências e as memórias de cada indivíduo, consideradas relevantes em suas relações sociais e políticas. Utilizado como uma estratégia de resistir, de expressar pautas e de legitimar lutas. Para Foucault (2013), o discurso é objeto de desejo de quem defende.

Compete aos agentes sociais envolvidos nessa dinâmica moldar seus discursos em uma prática, que, no caso, corresponde à defesa de um modelo prático de cidade. Logo, cada um enquanto segmento defende distintos modelos de cidade imaginados para o futuro da cidade de São Luís e distintos projetos que poderão vir a ser aplicados à cidade.

O discurso como ato de resistência atua em manifestações de descontentamento, ressignificando as memórias dos indivíduos afetados, as quais são compartilhadas no espaço de suas relações sociais. Portanto, os indivíduos apropriam-se do uso da linguagem para expressar sua existência e suas vivências. Diante de signos que afetam suas redes de relações sociais, os indivíduos, enquanto agentes sociais que almejam a preservação de seus espaços, unem-se para lutar por eles (BUTLER, 2021).

Dessa forma, os movimentos sociais pensam no interesse coletivo de trabalhadores rurais, e os empresários, no lucro que diferentes segmentos econômicos podem garantir com a aplicação de seu modelo de cidade. Por sua vez, o Poder Público transita em alianças com segmentos econômicos, mas não escancara seu posicionamento devido as iniciativas dos segmentos contrários em fiscalizar os atos do Poder Público.

Cada segmento estava atento ao modo de reflexão, ao modo de aplicação do adversário, daquele que pensa diferente sobre o futuro da cidade. Ouvir a fala discursada, apreender as críticas feitas a ideias distintas, compreender as decisões do adversário são atos que podem modificar a visão da cidade. Cada pensamento que ressoa em falas estratégicas ajuda a elaborar noções tanto positivas quanto negativas.

Por isso, a cidade, a mudança dos instrumentos urbanísticos influenciam o posicionamento político de cada agente social que está inserido na luta em defesa do espaço. As falas conectam-se como práticas de discurso de uma luta sobre o significado da espacialidade da cidade. Essa luta pelos ideais da cidade, pela política que inclua conteúdos de cunho popular provoca uma arena de lutas, pois as reivindicações implicam, em outros segmentos, a falta da apropriação de outros espaços, que interessam à abertura de um mercado, por exemplo. Essa luta está carregada de alfinetadas de ambos os lados que pensam em seus futuros interesses. São interesses coletivos que estão sendo considerados para o futuro da cidade, por isso são usados na prática da fala para enunciar

as iniciativas e a concepção de “cidade”, pondo em pauta um modelo futuro de cidade. Alguns pensam nos lucros futuros que serão obtidos, outros tentam refletir sobre as implicações futuras do modelo proposto.

3. Considerações finais

Os discursos de cada segmento nas audiências públicas sobre a revisão do Plano Diretor apropriam-se das categorias “cidade” e “planejamento urbano”. Cada discurso é impregnado do desejo de exercer o poder. Nesse jogo, é disputada a legitimidade do uso da espacialidade da cidade (FOUCAULT, 2013). Portanto, é um cenário político de lutas entre segmentos em defesa de suas teses diante do andamento do processo de revisão do Plano Diretor e das transformações da cidade de São Luís.

Formaram-se segmentos, grupos e alianças para resistir às propostas do Plano Diretor, construídas com base no desejo imaginário de apoiar uma intervenção urbanística contrária a forma de viver desses grupos sociais. Observou-se ainda a construção da cidade pela mídia no imaginário social e na criação da consciência social da população. Tratou-se de aguçar o desejo do cidadão de uma nova cidade e a formação de uma nova imagem urbana (MOURA, 2009).

A concepção da cidade é feita por meio de lutas e de resistências para a garantia do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001). No cenário de disputas, os diferentes agentes desempenham papéis conforme as diferentes abordagens da cidade (LEFEBVRE, 2001). Logo, o direito à cidade está ligado à reivindicação do poder – o domínio sobre o modo como a cidade é feita e refeita (HARVEY, 2014). Esse poder sobre as cidades é exercido pelos agentes do segmento econômico capitalista que veem nas cidades uma fonte de lucro (HARVEY, 2014).

Os diferentes segmentos sociais desejam construir modelo distintos de cidade. Esses desejos produzem a recriação constante do espaço urbano. Dessa forma, observa-se nas cidades brasileiras é a criação de um mito que tem o intuito de adotar um pensamento para organizar práticas presentes no espaço urbano (SÁNCHEZ, 1997). O modelo “ideal” de cidade é transformado em símbolo do crescimento urbano e econômico e da valorização da propriedade privada. São os discursos que contribuem para que o empresariado confira legitimidade à modificação do espaço (MOURA, 2009).

Referências

AGIER, Michel. Ethnopolitique: racisme, statuts et mouvements noir à Bahia. **Cahiers d'Études Africaines**, [s.l.], v. 32, n. 125, p. 53-81, 1992.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio 23. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GOLDMAN, Marcio. Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 57-93, 2001.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LAGROYE, Jacques. Os processos de politização. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 37, p. 18-35, set./dez. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MOURA, Rosa. Os riscos da cidade-modelo. *In*: ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 219-250.

OFFERLÉ, Michel. **Sociologie des groupes d'intérêt**. 2. éd. Paris: Montchrestien, 1998.

SÁNCHEZ, Fernanda. A (in)sustentabilidade das cidades-vitrine. *In*: ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 171-192.